
Paulo Sá Elias: A internet é dirigida cada vez mais pelos algoritmos

Não vamos conseguir proteger a “internet livre” sem questionarmos firme e constantemente a sua relação com o poder militar, político e econômico. Jürgen Habermas já nos mostrou a importância que os espaços públicos (*fora do controle do Estado*) tiveram no século XVIII para que a sociedade pudesse criticar e pensar livremente.

Naquela época, tais espaços eram formados pelas bibliotecas, cafés, restaurantes e outros locais apropriados para o debate e a reflexão. Alguns eram fechados ou sofriam ameaças para o encerramento de suas atividades. Hoje, esses espaços continuam existindo, mas infelizmente estão acabando — e aqui no Brasil ainda sofrem inacreditáveis arrastões quase diários. O jornal impresso segue o seu melancólico apagar das luzes, e todos os esclarecidos, desesperados, tentam manter vivo — pelo menos — o jornalismo do jornal impresso. No mínimo.

Um novo espaço público surgiu com indiscutível importância, especialmente para as futuras gerações: a internet. E nós precisamos mantê-la, a qualquer custo, fora do controle do Estado e dos grandes grupos econômicos com seus poderosos algoritmos doutrinadores, direcionalizantes, catequizantes, seja lá qual denominação quiserem. A ampliação da esfera pública, como dizia Habermas, ofereceu a valiosa oportunidade para que a sociedade questionasse a autoridade da cultura representativa do Estado, especialmente na época da Revolução Francesa em 1789. Imaginem agora com a internet. Não há dúvida que estamos diante de um espaço poderoso e extremamente valioso para exercer tal ampliação e proteção dos interesses dos cidadãos na relação com o poder e até mesmo na luta entre as classes. Lembrem-se de Noam Chomsky, quando chamou atenção sobre a incompatibilidade entre as alegações retóricas do Estado e a sua real maneira de exercer o poder.

A internet está sendo silenciosamente cada vez mais dirigida pelos algoritmos, com os mais variados interesses políticos, militares e econômicos. Neste cenário, é perfeitamente possível imaginarmos a existência de empresas com a aparência de organizações empresariais convencionais, mas que na realidade são fruto de um genial e brilhante projeto militar e governamental de inteligência para o século XXI, envolvendo inúmeros setores da tecnologia da informação, tais como: sensoriamento remoto, análise de redes sociais, reconhecimento facial, *big data*, *datamining*, armazenamento de banco de dados genéticos e uma infinidade de coisas impressionantes.

Para não repetir o que já sabemos por meio dos incríveis Aldous Huxley e George Orwell, lembro-me também de Jean-François Lyotard, quando falava sobre a “mercantilização do conhecimento”. A informação como produto para compra e venda. Lyotard já alertava sobre a informática, a telemática e o *controle do fluxo de conhecimento* pelos grandes grupos empresariais e pelo Estado, decidindo quem e quando poderia acessar determinado tipo de conhecimento. Isso está ocorrendo na internet e não só é capaz de influenciar até mesmo decisões judiciais, mas sobretudo, dar seguimento à sua principal missão, cujo alvo são as gerações inteiras de jovens conectados à internet e infelizmente desconectados da riqueza dos livros e até mesmo do jornalismo do jornal impresso. Os jovens estão navegando na internet, estudando e aprendendo por meio das informações que os poderosos algoritmos querem que eles vejam. E isso é gravíssimo, precisa ser debatido e observado com muito mais cuidado.

Date Created

02/12/2013